

Gramado-escola na “Troca de saberes/UFV”: aldeia de bambu e ressurgência Puri

Christina Maria de Freitas Grupioni¹, Willer Araujo Barbosa²

Resumo

Este relato de experiência expõe a realização anual do programa Troca de Saberes/UFV, principalmente desde 2013, ano a partir do qual se potencializa uma inflexão mais fortemente artístico-cultural. A partir de uma abordagem do trabalho com bioconstrução, mais especificamente com equipamentos de bambu, como princípio educativo, ressaltamos o enfoque de um movimento regional de ressurgência étnica que passou a ocupar uma oca na Troca para se consolidar. Este recorte nos possibilitou explicitar amplos processos de aprendizagens, sejam acadêmicas, sejam populares. Portanto, este estudo objetiva desvelar parte da experiência de realização e o que são esses equipamentos de bambus que abrigam instalações artístico-pedagógicas e, entre elas, especificamente a Oca dos Povos Originários.

Palavras-chave

Bioconstrução em Bambu. Ecologia de Saberes. Múltiplas Aprendizagens.

1. Mestra em Mecanização Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil; sócia-fundadora da Organização Cooperativa em Agroecologia (OCA). E-mail: chrisgrupioni@gmail.com.

2. Pós-doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil; professor adjunto na Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil. E-mail: willeraraujobarbosa@gmail.com.

Lawn-school in the “Troca de Saberes/UFV”: village of bamboo and Puri resurgence

Christina Maria de Freitas Grupioni*, Willer Araujo Barbosa**

Abstract

This experience report exposes the annual realization of the “Exchange of knowledge/UFV” (Troca de Saberes/UFV) program, mainly since 2013, year from which a stronger artistic-cultural inflection is potentialized. From an approach of the work with bioconstruction, more specifically with bamboo equipment, as educational principle, we emphasize the focus of a regional movement of ethnic resurgence that happened to occupy a hovel in the program to consolidate. This clipping enabled us to make explicit the processes of learning, whether academic or popular. Therefore, this study aims to reveal part of the experience of accomplishment and what are these bamboo equipments that houses artistic-pedagogical facilities and, among them, specifically the Oca of the Original Peoples.

Keywords

Bamboo Bioconstruction. Ecology of Knowledge. Learning.

* Master of Agricultural Mechanization, Federal University of Viçosa, State of Minas Gerais, Brazil; founding partner of the Cooperative Organization in Agroecology (OCA). E-mail: chrisgrupioni@gmail.com.

** Post-doctorate in Human Sciences, Federal Fluminense University, State of Rio de Janeiro, Brazil; assistant professor at the Federal University of Viçosa, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: willeraraujobarbosa@gmail.com.

Introdução

Um ponto de partida: princípios da educação pelo trabalho

Este ponto busca explicitar a dimensão epistemológica deste estudo. Celestin Freinet é um mestre do trabalho e do bom senso e se inscreve entre os educadores identificados com a corrente da Escola Nova que, nas primeiras décadas do século XX, se insurgiu contra o ensino convencional, centrado no professor e na cultura enciclopédica, propondo em seu lugar uma educação ativa em torno do educando. Para ele, só é possível aprender a partir da experiência e isso só é possível se houver trabalho prático e intelectual. A educação, nessa lógica, deve proporcionar a educandos/as a realização de um trabalho efetivo, pois só o trabalho é capaz de desenvolver o pensamento lógico e inteligente que se faz a partir de preocupações materiais, sendo estas são um canal para a abstração.

Freinet (2008) acreditava que o ser humano se exprime e se realiza no e pelo trabalho. A ideia é de que o aprendizado deve se dar a partir de ações que sejam necessárias para a produção de bens que sejam úteis aos educandos, úteis à vida. Estes bens tanto podem ser materiais, por exemplo, uma fossa séptica para tratamento das águas de uma escola; como bens culturais, como poesias, prosas, desenhos, jornais e livros escritos e divulgados pelos próprios educandos. A função do educador, nessa proposta, é organizar e motivar o trabalho, sem imposições ou ameaças. A ideia dos conceitos geradores como ponto de partida para um ensino libertador de Freinet tem evidente ligação com os trabalhos desenvolvidos pelo educador brasileiro Paulo Freire.

A pedagogia do trabalho tem a intenção de formar cidadãos para o trabalho livre e criativo, capaz de modificar o meio e emancipar quem o exerce. Ao se criar uma atmosfera laboriosa, se estimula educandos/as a procurar

respostas para suas necessidades, em apoio mútuo e buscando no educador alguém que organize o trabalho e colabore no êxito de todos os participantes, além de criar interações e envoltimentos afetivos que garantam uma forma mais profunda de aprendizagem. Dentro dessa lógica, o trabalho e a cooperação para o êxito de todos vêm em primeiro plano, ou seja, a prática pedagógica é centrada na produção do/a educando/a e na cooperação entre pares. O trabalho, na pedagogia Freinet (2004), não se refere, naturalmente, ao trabalho forçosamente manual, mas ao processo de trabalho que contempla toda pesquisa, documentação e experimentação.

Ao lado da pedagogia do trabalho e da pedagogia do êxito, Freinet (2004) propôs, finalmente, uma pedagogia do bom senso, pela qual a aprendizagem resulta de uma relação dialética entre ação e pensamento. O educador se pauta pelo histórico pessoal do educando, interage com os conhecimentos novos e essa relação constrói seu futuro na sociedade. Dessa forma, a pedagogia Freinet consegue que, a um só tempo, educandos/as tenham uma produção individual significativa, respeitando o ritmo de trabalho de cada um e cooperando com colegas na produção do dos outros e da coletividade.

Pode-se dizer que a pedagogia de Freinet (2004) se fundamenta em quatro eixos: 1. Cooperação (para construir o conhecimento comunitariamente), 2. Comunicação (para formalizá-lo, transmiti-lo e divulgá-lo), 3. Documentação diária dos trabalhos, e 4. Afetividade (como vínculo entre as pessoas e delas com o conhecimento). A partir desses eixos, a prática do trabalho é capaz de desenvolver, segundo Rosa Sampaio (1989): i. Senso de responsabilidade; ii. Senso cooperativo; iii. Sociabilidade; iv. Julgamento pessoal; v. Reflexão individual e coletiva; vi. Criatividade; vii. Expressão; viii. Comunicação; ix. Saber

fazer (*know how*); x. Conhecimentos úteis; e, xi. Capacidade de reduzir os pontos de desigualdades socioculturais.

Enquanto a educação convencional trabalha para mimar o “usuário”, suprimindo necessidades e estimulando desejos, a resistência trabalha para fortalecer a autonomia das pessoas em definir e suprir suas próprias necessidades. Essa proposta pedagógica se funda, portanto, na junção da cooperação no trabalho coletivo com a valorização da produção individual. Assim, ao mesmo tempo em que permite que cada educando/a gere seu próprio ritmo, faz com que ele/ela perceba que pertence a um conjunto maior e que sua produção tem valor para todo o grupo, podendo ser melhorada e ampliada pela interferência dos colegas.

Contexto de intensidades e diversidades

A Troca de Saberes acontece desde 2009, anualmente, com duração de quatro dias no campus da Universidade Federal de Viçosa (UFV), e tem o objetivo de buscar o diálogo sociedade-universidade. É um território de educação intercultural que prima pelas interações entre sabedoria popular e campos do saber científico e ocorre nos dias antecedentes à Semana do Fazendeiro, que historicamente (desde a década de 1920) é um território do agronegócio, como hoje se denomina.

A Troca tem sido um evento-espço vivo para dialogicidade a partir de temas como: Cultura; Trabalho; Agroecologia; Terra; Solidariedade; Liberdade; Energia; Saúde; Sementes; Juventudes; Diálogos das Diversidades: Resistência e Liberdade em Terras e Territórios; Ñhama Água: roda de saberes da transformação. Sendo-nos permitido substantivar algumas formas verbais para reforçar o caráter de ações: saberes, sabores, pensares, expressares, falares, tocares, dançares, cantares, pintares, poetares e fazeres se abrem e criam condições para múltiplas aprendizagens e linguagens.

A instalação artístico-pedagógica permanente “aldeia de bambu”, no gramado-escola da UFV, em Viçosa-MG, é ornamentada com bandeiras de movimentos sociais, artesanatos, tecidos de chita, folhas de bananeiras, da palmeira indaiá e muitos outros elementos que remetem à cultura popular. E, à ideia de ser uma instalação artístico-pedagógica, soma-se um *estranhamento* estético-cognitivo, no sentido de reafirmar política, científica e esteticamente aquilo que defendemos.

O intuito de criar ambiências propícias a múltiplas trocas entre saberes diversos traz a necessidade do uso de metodologias apropriadas para tal abordagem. Uma das estratégias e dispositivos utilizados para isso são as instalações artístico-pedagógicas, que são lugares privilegiados de intercâmbio entre a sabedoria popular e o saber científico (ALVES et al., 2011; LOPES et al., 2013). São cenários de diversidade que guardam aspectos de uma instalação artística em sua dimensão estética, ou seja, uma multiplicidade de “suportes” e linguagens utilizados na espacialização para criar um ambiente problematizador que suscite reflexões, *insights* e críticas. Afirmamos que a experimentação das instalações artístico-pedagógicas foi inspirada nos programas de formação dos trabalhadores da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e suas Escolas Sindicais.

A aldeia de bambu surge a partir de 2013, atendendo a uma demanda por autonomia da Troca de Saberes, cuja construção ocorre com o auxílio do protagonismo estudantil dos vários grupos de Agroecologia da universidade, ou seja, existe um interesse de que a pré-Troca seja um espaço de aprendizados que não se adquirem em sala de aula e que seja um espaço físico contra-hegemônico, daí a expressão “gramado-escola”, uma vez que se ocupa um enorme gramado no centro do campus universitário. Em contraponto, portanto, à utilização de estruturas feitas com mão de obra externa à equipe da Troca, na lógica de terceirização,

sem autonomia, convencional, com lonas plásticas e estruturas metálicas. O foco da Troca é cuidar, entre outras, da cultura popular, ancestralidade, oralidade, pesquisa-educação e autonomia, e assim, o uso do bambu para construções potencializa tratar esses temas.

A vivência para construção da aldeia de bambu na Troca de Saberes tem como pretensão construir equipamentos de bambu para sediar o evento, de modo que o espaço-tempo de oficinas perpassam a teoria, a prática e a ação, se assumindo experiência. Essa vivência, intitulada pré-Troca, é um território de trabalho para a concretização física de equipamentos artístico-pedagógicos que serão responsáveis por uma ambiência permanente na Troca de Saberes. São permanentes porque estão presentes o tempo todo em utilizações multitemáticas, para apreciação, vivências e diálogo entre os saberes popular e científico. Possibilita aprendizagens por meio da vivência prática, o que caracteriza a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão como princípio único universitário.

A pré-Troca ocorre no Gramado-escola durante algumas semanas que antecedem o evento e suas principais ações são: planejamento de conexões e equipamentos; colheita de bambu; construção de equipamentos de bambus para realização da Troca de Saberes; construção de maquetes e equipamentos e desmontagem dos mesmos. De forma transdisciplinar, promove a identidade dos participantes da Troca que, ao participarem da pré-Troca, se tornam autores ativos e autônomos na construção do próprio conhecimento e também sujeitos protagonistas na organização e realização da Troca de Saberes para geração de antigas, porém novas, perspectivas do saber. Antigas para mestres populares bambuzeiros, porém novas para a academia, acostumada à supervalorização do saber científico em detrimento do popular.

O compromisso coletivo assumido na pré-Troca, sob essa perspectiva, é o de utilizar saberes de pesquisas acadêmicas, associados

ao saber popular do uso e manejo de bambus, para produzir transformações, gerando a indissociabilidade. E, incidem no campo da educação com a realização de pesquisas relevantes e acessíveis que contribuam para que, tanto educadores como gestores das políticas públicas, possam avançar no desenvolvimento educacional e em mudanças sociais.

Os autores sociais são acadêmicos de graduação e pós-graduação, docentes e técnicos da UFV, bem como técnicos que integram a Organização Cooperativa de Agroecologia. Além desses autores envolvidos diretamente no processo, ao se tratar da perspectiva da ecologia de saberes destacamos nos últimos três anos a participação do mestre bambuzeiro José Maria Pedro, do município de Chalé, no Leste de Minas. Mestre Puri, que resistiu e preserva esse saber ancestral popular, tem um papel emancipatório para sujeitos intencionalmente jogados à margem da produção de saberes, como é o caso de mestres *griotas*, nome advindo da pedagogia quilombola, e aqui utilizado em sua forma comum de dois gêneros como em várias das Áfricas.

Pode-se dizer que a essência do processo de planejamento e empoderamento das técnicas construtivas de bambus na pré-troca ocorre de forma horizontal, colaborativa e participativa e congrega conceitos técnicos e da tradição oral de um ofício. Utiliza círculos de conversa para organização e tomadas de decisão durante o processo das atividades e círculo de cultura para diálogos mais conceituais em aprofundamento. Os círculos de conversa determinam metas e os indivíduos pesquisam, aprimoram e constroem maquetes para se preparar para a construção dos equipamentos. Sua metodologia traz o aprendizado por meio da prática de ofícios, em que uma pessoa com maior experiência auxilia as menos experientes. A educação pelo trabalho e a transdisciplinaridade aparecem de forma quase espontânea durante todo o processo de trabalho.

Cada pessoa, de acordo com o

conhecimento e habilidades que tem, contribui propondo soluções ou simplesmente acrescentando informações das mais diversas áreas. Algumas permanecem durante anos, mas é interessante observar a rotatividade de pessoas que às vezes chegam, ensinam algo, ficam ali um turno ou mais, contribuindo no trabalho e na concepção e depois se vão. Ou outros que chegam, aprendem a partir de alguma orientação oral, expressam empolgação verbal e se vão, levando esse saber sabe-se lá para qual dimensão da sua própria realidade. De manhã cedo, todos e todas se assentam em círculo para programar o dia, de acordo com as demandas e o número de pessoas que estão ali disponíveis.

Nesses anos, ocorreram mutirões-oficinas para colheita em bambuzais que estão espalhados pelo campus da UFV e em outros locais da região. Dessa forma, o trabalho que já se fazia com bambus pelos grupos universitários, de forma intermitente, se tornou mais visível e surgiu a primeira “cidade” de bambus construída na UFV/Viçosa. Avançaram-se ali diálogos e conversas sobre a estruturação de habitações com bambu. As atividades para construção dos equipamentos que sediaram o evento englobaram técnicas para corte, manejo, secagem, tratamento, manufatura e montagem das construções. O bambu gigante colhido já foi tratado, por exemplo, com ácido bórico, imerso durante um mês em temperatura ambiente. Em outra ocasião, simplesmente com imersão em água. A cada ano, há inovações de técnicas construtivas e conceitos de trabalho ainda não abordados anteriormente.

A cada ano é trabalhado um tema na Troca de Saberes, que inspira o *design* da localização dos equipamentos no gramado e das intervenções artísticas. O *design* da aldeia de bambu, baseada em uma concepção estética ancestral ameríndia e africana, indica uma potencial integração transdisciplinar.

Ressurgência Puri no sudeste brasileiro

O atual Movimento de Ressurgência Indígena Puri, também a partir de 2013, encontra na Troca de Saberes um lócus de autorreconhecimento e ocupa um espaço significativo da aldeia de bambu: a Oca dos Povos Originários, como se verá adiante. É bom ressaltar que esse povo tem suas origens históricas enraizadas na região Sudeste brasileira e na Zona da Mata mineira, onde se situa a UFV.

Assim, em uma espécie de fabulação desse processo de recuperação identitária, refletimos: “o povo Puri pede licença”, “Estamos bem-vivos! Nhá Tamatli”. Daqui da região Sudeste brasileira se busca o bem-viver latino-americano e assim se visitam, se dão a conhecer, se colocam a caminho da reconfiguração étnica a partir de uma cruel diáspora colonial. Um e uma surgem como únicos representantes-sobreviventes de um povo e grita: “onde estão os meus parentes?!”. Outra e outro se enxergam naquele grito lembrando com dor da avó pega a laço. Outro e outra mais rememoram histórias e narrativas de seus ancestrais. Uma família se dá timidamente a conhecer no sofrimento da discriminação secular, mas que ainda resiste aos processos de especulação imobiliária entre o trabalho agrícola, a produção artesanal, cantorias e rezas de um povo silenciado. Uma rede de comunidades agroecológicas, que quase já conseguiu se impor diante da estrutura agrária excludente das sesmarias, dos latifúndios e agronegócios, também se afirma nessa emergência social identitária Puri.

Enfim, sujeitos, grupos e formações sociais brotam como que *levantados do chão* e colorem o mapa eurocêntrico, branco, cristão e masculino com outras possíveis cores da diversidade. A partir de seus locais, a princípio desconectados entre si, se traçam longas caminhadas em busca do outro e de um si-mesmo, agora coletivo e tendente a tribal. Tensamente, a cidade e

o campo perdem fronteiras rígidas e novas jornadas nômades Puri passam a ser trilhadas.

Então a Troca de Saberes/UFV passa a sediar encontros anuais e esse povo originário começa o redesenho de um projeto comum. Começam a ressurgir Aldeias Uchô-Puri na procura do trato da terra, das matas e das águas... desse povo ancestral. “Quero ser enterrado em meu próprio território de pertença!”. Um povo de linhagem feminina violentada, concreta e simbolicamente, uma vez que a maioria de seus guerreiros homens foi chacinada pela “civilização”. Dores e memórias sociais surgem e tornam-se mote de simbolizações para o ressurgimento indígena do povo Puri.

Breve histórico das Trocas desde 2013 com destaque à Oca Puri

Desde o seu surgimento, alguns grupos de agroecologia já trabalhavam e realizavam mutirões de bioconstrução utilizando barro e bambu em atividades mais específicas e pontuais. O período da pré-Troca e Troca passou a ser o momento em que essas ações se concentram, em que os grupos voltam suas atenções e esforços para as demandas da Troca. Esse período é, portanto, um dos momentos de forte expressão do movimento agroecológico em Viçosa. Com o fortalecimento e maior articulação entre os grupos, autodenominado Mutirão Ciranda, pouco a pouco vem consolidando-se um cenário mais conciso e propício ao surgimento de iniciativas, projetos e programas voltados para práticas e tecnologias alternativas, por exemplo, o Grupo de Estudo em Bambu, o Apêti de Agroflorestas, o Grupo de Agricultura Agroecológica e Orgânica, entre outros.

Nesse sentido, os grupos agroecológicos atuam como formação política e técnica dos indivíduos que compõem os coletivos, pois

muitas vezes as pessoas têm ali seu primeiro contato com as tecnologias alternativas. Com o processo pedagógico por meio do trabalho e com a visão crítica que a agroecologia demanda incorporada no dia a dia, permite o contato, a reflexão, a ambientação e, por fim, a valorização das bandeiras e das práticas agroecológicas. Práticas essas que incluem as técnicas de bioconstrução e, mais especificamente, as que utilizam o bambu, de tal forma a garantir que as técnicas e os saberes tenham condições de se perpetuarem, passando de pessoas a grupos e a se firmarem no contexto da Troca de Saberes.

Na preparação da 5ª versão da Troca de Saberes, em 2013, Marcos Mandala, bioconstrutor convidado, da Escola Velatropa, de Garopaba/SC, enfatiza a construção de equipamentos circulares inspirados em moradias de povos ancestrais. O foco daquela escola ecopedagógica é a consciência planetária, e uma das ações de trabalho é a bioconstrução com bambus e barro. Para a preparação dos trabalhos ocorreram rodas de conversas e palestras sobre moradias circulares ancestrais e circulares modernas; foi feita comparação entre nossas atuais moradas cheias de arestas e as dos povos ancestrais, em equipamentos circulares e, como isso interfere no cotidiano. Além disso, foi abordada a autoconstrução e levantada à questão do saneamento ecológico em eventos, em contraponto ao uso do banheiro químico. Neste ano de 2013, no contexto de pré-Troca, o primeiro encontro para repasse de técnicas foi a construção de um domo geodésico, frequência um, com junções de pvc, na casa 18, sede do Mutirão Ciranda.

Por meio da perspectiva do aprender fazendo foram construídos ainda no gramado-escola, dois *yurts* (Figura 1) e dois *tipis*, moradias tradicionais dos povos nômades mongóis e norte-americanos, respectivamente.

Figura 1 – Yurt com telhado em viga recíproca.



Fonte: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/07/08/em-mg-encontro-sobre-agroecologia-promove-troca-de-saberes-entre-camponeses-e-universitar>>

Alguns brinquedos também foram construídos: o bambu integral e o balanço. A técnica de construção com bambus, a partir do trabalho e de orientações objetivas orais, é facilmente assimilada e permite o processo de construção em mutirão, além de despertar a necessidade da autoconstrução como formação. Cada equipamento recebeu uma finalidade e uma ambiência para atender às necessidades do evento: tenda da cura, espaço dos cursinhos populares, Oca dos Povos originários, licenciatura em educação do campo com habilitação em ciências da natureza e agroecologia, estágio interdisciplinar de vivências (EIV), articulação das escolas familiares agrícolas, entre outros, uma vez que alguns equipamentos são compartilhados por mais de uma instalação e temática.

Além disso, ocorreram oficinas de técnicas que empregaram outro material biológico associado ao bambu, que é o barro. Foi realizada a construção do fogão foguetinho com adobe, algumas paredes dos equipamentos cobertos de taipa e a espiral dupla, que serviu de caminho para entrada na geodésica dos povos originários. Outra tecnologia social trazida para

a instalação permanente da aldeia foi o filtro biológico, focalizado pelo grupo SAUIPE (Saúde Integral em Permacultura), e o minhocário, que recebeu o resíduo orgânico do evento.

Neste contexto, a Oca dos Povos Originários buscou vincular a emergência Puri com a problemática afro-brasileira. Fez-se, como dito, uma bioconstrução em bambu cana-da-índia na forma de um domo-geodésico, tendo como trilha de condução à sua entrada – sentido leste – uma dupla espiral de 7 metros de diâmetro. Cada perna dessa espiral estava, no chão, coberta de serragem e de sementes de urucum. Elementos, imagens e espelhos se penduraram na caminhada e um vaso de água ao centro, chamando a uma reflexão pessoal até que se adentrava ao equipamento. Ali se encontravam outras imagens, pequenos textos, grafismos e uma pequena fogueira ao centro que pediam o exercício da memória. Lá dentro estavam facilitadores de um diálogo interpretativo daquela instalação artístico-pedagógica. As surpresas foram muitas: choros e emotividade perpassavam a chegada da cada um dos participantes da Troca ao ouvirem cantos entoados em uma língua

desconhecida. O recém-publicado Dicionário da Língua Puri (LE MOS, 2013) alimentava pesquisas sobre palavras já ouvidas e favorecia novas composições e uma protogramática dessa língua dada por extinta há séculos.

Nesse período, no Facebook se cria o Grupo Puri e estudos de brasilianistas dos séculos anteriores vêm à tona recuperando grafismos, roupagens, adereços, cortes de cabelo, enfim, a imagem dos antigos. Algumas teses acadêmicas são socializadas e estudadas e, assim, vem se formando o cadinho das anteriores e atuais identidades Puri (BARBOSA, 2005; LEMOS, 2016). Ali se autoneia publicamente o Movimento de Resistência e Ressurgência Puri e se inicia uma nova Prosa Puri, que vem desembocando em diversas articulações, publicações e canções.

No ano seguinte, 2014, além da repetição dos quatro equipamentos do ano anterior (geodésica, yurt, tipi e bambu integral), construiu-se uma barraca de lona preta significando o espaço do curso de graduação Licenciatura e Educação do Campo (LICENA), vinculada ao MST, e a chegada do mestre bambuzeiro Puri Zé Maria Pedro trouxe a técnica das tramas e cestarias de bambu. Nessa pré-Troca iniciou-se a conversa sobre tratamento de bambus e os conhecidos como bambuí ou cana da índia foram tratados pelo método do fogo, com o uso do maçarico e lustrados com pano. Além disso, foi projetado, pela GT-Bambu da OCA, um banheiro seco modular: construído em forma circular, esteticamente agradável, mas que não demonstrou funcionalidade e por isso abandonado no ano posterior.

Ainda em 2014, a nova Oca dos Povos Originários é inspirada na forma das ocas dos povos do norte e centro-oeste brasileiros, ou seja, uma elipse de bambu recoberto de palmas de Indaiatuba, aproximando à estrutura de uma Nguara Puri. O fogo central se mantém aceso e danças indígenas fazem parte do awé-toré em seu interior. Rodas de conversa se fazem no

redesenho da busca desse povo. Naquele ano chegaram um indígena Borum e alguns Pataxós. Banners informavam sobre estudos de espécies florestais (donde surge à relevância, entre outras, da macaúba e do coité como estruturantes dessa tradição) e sobre a realização de oficinas pedagógicas em escolas da Educação Básica sobre a cultura indígena regional e outros.

A problemática afrodescendente não conseguiu se incorporar nessa Oca, crê-se, em função do maior interesse na busca da matriz africana por parte do movimento negro. Por outro lado, se avançou na composição e possíveis estratégias para o movimento Puri a partir de rodas de conversa com múltiplos atores e autores envolvidos. Surge nessa inflexão culturalista o Grupo de Danças Brasileiras Micorrizas, que desenvolve belíssima apresentação, também utilizando das tramas de bambus na forma de objetos-saias. Assim se configurou o Labirinto Balaio, que cruzou em diversas direções a aldeia, expondo o vigor do ressurgimento da agroecologia.

No ano de 2015, surgiu o parabolóide hiperbólico, equipamento planejado e organizado alguns meses antes da Troca. A ideia do banheiro seco permaneceu e se iniciou a construção da estrutura equipamento, entretanto, não foi possível terminá-lo para uso durante o evento. A cidade de bambus foi construída seguindo as quatro orientações cardeais – leste, sul, oeste, norte – de forma a honrar um chamado do povo guarani. Manteve-se o fogo sagrado, que para esse povo representa o coração e o coração também alimenta o fogo sagrado. Portanto, foram construídos um yurt, um tipi, três geodésicas, a Oca dos Povos Originários e um parabolóide hiperbólico.

O parabolóide foi a tenda do curso LICENA. Além disso, dois bambus integrais foram usados como andaimes e uma escada gigante de bambu foi construída para assessorar as obras. Foi realizado um círculo de cultura sobre o tema, no qual houve um diálogo sobre

as percepções dos participantes a respeito da instalação artístico-pedagógica. Houve, integrado, um curso de construção com bambus, ministrado por bolsista de extensão. Cerca de doze estudantes de graduação se aproximaram e estiveram presentes nos trabalhos. Cinco pessoas estavam presentes mais integralmente e contribuíram nos planejamentos diários e de concepção do todo. Para esse ano, o Grupo Micorrizas nos presenteou com a performance coletiva do Cementério, cujo cenário também foi construído todo com bambus, em um espetacular levantar-se do chão em lutas pela transformação planetária.

Enfim, a Oca dos Povos Originários foi localizada próxima ao centro da aldeia de bambu, como passou a ser chamada e ali se acendeu a fogueira que ficou acesa praticamente durante os quatro dias do evento. A Oca dos Povos Originários não foi construída com o bambu em cana, mas sim em taliscas conectadas na base no solo e vergadas com amarração ao centro e no alto numa configuração ovoide, recoberta com a palma da indaiatuba e visivelmente mais artesanal. Novos sujeitos Puri se aproximam, agora demandando não apenas a temática das identidades étnicas, mas também as políticas públicas de reconhecimento oficial, bem como a problemática de acesso a um ou a alguns territórios Puri autônomos. O artesanato a partir de grafismos ancestrais ganha boa visibilidade, bem como a narrativa de histórias, o canto, a dança e as pinturas corporais a partir do urucum e do jenipapo.

Por fim, chegamos ao ano de 2016. Para efeito dessa sistematização, oportunidade para essa importante reflexão, ainda que incompleta, sobre nosso próprio fazer. As peças

foram guardadas e reutilizadas, mantiveram-se os equipamentos yurt, geodésica, tipi, bambu integral e avançamos na concepção do banheiro seco modular, além da nova oca. O Grupo Micorrizas de Danças se elevou aos céus portando grandes birutas ao vento, ao que se somou também o grupo de danças da UFRRJ, expondo a insustentável leveza do ser em tempos obscuros de golpe neoliberal.

Para essa Troca 2016, a Oca dos Povos Originários manteve a centralidade na aldeia, mas tomou a forma de um tipi dos indígenas norte-americanos e foi erguida com enormes bambus-gigantes, de forma que o fogo sagrado ganhou ainda mais relevância. A articulação Puri prosseguiu em franco crescimento por toda a região serrana do Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, Minas Gerais. Parece que os Puri de Araponga se distanciaram e ficaram a observar os caminhos desse movimento talvez mais urbano.

Em 2017, a aldeia se estabelece com três domos geodésicos (Figura 2), frequência 1, um domo, frequência 2, e surpreende ao colocar um domo frequência 3, com cerca de 9 metros de altura no gramado escola; além do yurt, do tipi e do banheiro seco. Foram construídos, ainda, a mesa de bambu e o minhocário. O parabolóide hiperbólico foi também construído novamente e, dessa vez, aportou a Oca dos Povos Originários, mantendo-se a já estabelecida tradição do fogo sagrado durante os quatro dias de evento. Um fato interessante foi o estabelecimento de outro fogo sagrado, mantido no tipi e focalizado pelo parceiro Edy Natureza, que conduziu atividades artísticas, apresentando seus personagens, artesanato e seus métodos de trabalho com crianças.

Figura 2 – Domo geodésico, regularmente sedia Ciranda Infantil.



Fonte: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/07/08/em-mg-encontro-sobre-agroecologia-promove-troca-de-saberes-entre-camponeses-e-universitarios/>>.

Saberes e habilidades potencialmente adquiridos

Foi possível observar alguns *feedbacks*: o aprendizado do trabalho vai desde a descoberta de métodos práticos de medição (ocorre quando se precisa locar um círculo no chão e dividi-lo em n partes, onde serão pontuadas as esperas); prática de uso de ferramentas como serrinha, furadeira, esmerilhadeira, serra-circular, faca; habilidades manuais, como a trança do bambu e a retirada de ripinhas de bambu com faca, até a noção mais técnica de resistência dos elementos de construção; aspectos culturais como as moradias circulares e formas de morar tradicionais; recuperação da observação dos pontos cardeais para localizar as entradas e as saídas. A constituição e repetição, ano após ano, desses ambientes que rememoram povos e saberes de antepassados nos remete não só às técnicas construtivas, mas avança em relação à forma de vida e a cultura dos povos, ao bem-viver!

Enfim, em nossa zona de liberdade e criatividade os bambus se convertem em uma totalidade relacional, de aplicador artesanal de rapé à construção complexa de cidade. Planta dotada de múltiplas funções: significada e ressignificada pelos povos, da Colômbia à China. Serve de alimento para urso e gente, de artesanato, de artefatos e de construção. É considerado um excelente material para se construir casas por sua flexibilidade e rigidez, tudo ao mesmo tempo. Quem ensina muitas vezes não tem a pretensão de ensinar, pois, além de trabalhar os bambus permitem brincar. É nesse bailado das mãos tecendo com bambus que se constrói a aldeia de bambu que abriga, além do seu, outros saberes, uns inéditos, outros ancestrais e mais outros.

Enquanto isso, um povo dado por extinto vem recuperando suas vozes, criando seus poemas e canções na língua quase extinta, agora em estudos e revitalização: *prini aphon / dieh Puky moun tschóre / lò popeh mpó pathan/*

lò ambô tètouti ambô / timiri tumah prini / lò uhtl'ana tètouti arining / camaring omlè (da língua Puri, em processo de reinvenção, traduzido à língua portuguesa: arco e flecha / você Puri vai na mata / corta a casca da árvore do ariri / cortar madeira fiar madeira / atar a corda no arco / cortar taquara afiar a seta / atirar ao ar) (PURI, 2016, p. 14).

Referências

- ALVES, L. C. F. et al. **Troca de saberes**: flores das sombras da agroecologia. Viçosa: Editora da Universidade Federal de Viçosa, 2011. 144 p.
- BARBOSA, W. A. **Cultura Puri e educação popular no município de Araponga, Minas Gerais**: duzentos anos de solidão em defesa da vida do meio ambiente. 2005. 234 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- FREINET, C. **La educacion por el trabajo**. Madrid: Fondo de Cultura Economica, 2008. 301 p.
- _____. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 153 p.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 245 p.
- CARDOSO JUNIOR, R. **Arquitetura com bambu**. 2000. 109 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- LEMOS, M. S. **Dicionário da língua Puri**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 2013.
- _____. **Índio virou pó de café?**: resistência indígena frente à expansão cafeeira no Vale do Paraíba. Rio de Janeiro: Palco Editorial, 2016. 224 p.
- LOPES, L. S. et al. Troca de saberes: vivenciando metodologias participativas para a construção dos saberes agroecológicos. **Cadernos de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, dez. 2013. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/14826>>. Acesso em: 18 jan. de 2018.
- PURI, D. A. P. **Poeira de luz**. Rio de Janeiro: Pachamama, 2016.
- SAMPAIO, R. M. W. **Freinet**: evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 1989. 240 p.
- SANTOS, M. L.; BARBOSA, W. A.; KÖLLN, M. Programa de extensão Teia/UFV: formação universitária para uma ecologia de saberes. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, v. 29, n. 4, dec. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982013000400004>. Acesso em: 4 abr. de 2018.

Submetido em 18 de março de 2018.

Aprovado em 8 de maio de 2018.